

---

## **FALO NEGRO: PODER OU APRISIONAMENTO? UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS MASCULINIDADES NEGRAS**

Paulo Vitor Palma Navasconi, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil.

contato: Paulonavasconi@hotmail.com

**Palavras-chave:** Masculinidades. Raça. Violência.

O presente trabalho tem como objetivo geral discutir a construção das masculinidades negras sob o processo de uma violência institucional. Haja vista que ao pensar na constituição dos corpos negros automaticamente a **violência** encontra-se presente. Este trabalho é relativo as reflexões realizadas em uma disciplina da Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá, intitulada por: Teorias Contemporâneas sobre Corpo, Gênero e Sexualidade – IV.

Neste sentido, quando me refiro a violência não estou sinalizando aos tipos mais explícitos que conhecemos como as guerras, terrorismo e a violência física que faz jorrar sangue. A violência que me refiro é um tipo de violência sutil, porém não menos gritante. Após a assinatura da Lei Áurea por mais que, mais uma vez legalmente famílias negras ex-escravizadas fossem livres não houve qualquer tipo de suporte por parte do governo monárquico para subsidiar uma vida de forma digna para estas pessoas. Essa omissão continuou na república. Muitos permaneceram nas mesmas fazendas ainda em condições sub-humanas e aqueles que buscaram as cidades encontraram o medo, preconceito, falta de oportunidades e a violência.

E neste cenário de violência, o homem negro é lido como uma ameaça e, as mulheres ou são hipersexualizadas ou tratadas como mucamas. Essas representações estereotipadas carregadas de preconceito ainda hoje estão presentes no imaginário social, na construção dos saberes, bem como nas relações interpessoais e na mídia brasileira.

Somos a maior parte da população carcerária 67,1% dos presos (dados InfoPen); menos de 20% dos estudantes negros estão em cursos superior (dados Seppir); e com os menores salários chegando a diferença de 57% (dados IBGE).

Deste modo, pensar violência institucional é pensar na autorização estatal para que determinados corpos sejam construídos sob e pela violência, e consequentemente autorizando que instituições e órgãos sociais lidem com estes corpos de maneira violenta, brutal e cruel.

Assim, a partir do momento em que sou reduzido ao meu corpo, à minha pele, músculo e consequentemente ao meu órgão genital eu estou sendo violentado e automaticamente é retirado a minha possibilidade de existência e de humanidade, posto que, não sou humano e sim um objeto, um pênis ou um estímulo de gozo ou de mão de obra para o outro (branco).

Mas afinal o que isto tem a ver com masculinidades? Diria que tudo, pois se pensarmos que não há uma única forma e modo de masculinidade, e sim diferentes formas de se construir uma masculinidade é notório que algumas sobressaem diante de outras, por exemplo, a construção de masculinidades hegemônicas (brancos) e as que denominarei por dissidentes (e não-brancos).

Neste sentido, segundo Connel (2000) & Ribeiro (2013) masculinidades são processos de configurações da prática que não devem ser vistas como equivalentes de homem, pois masculinidades são processos e não grupos de pessoas. Masculinidades são também lugares de privilégio que fazem com que a maioria dos homens recebam dividendos patriarcais com base em uma dita subordinação geral das mulheres. Deste modo, passa-se a construir um regime de gênero no qual existem masculinidades hegemônicas (onde ser branco, heterossexual, rico e ocidental são suas marcas mais visíveis) que estão sobrepostas a masculinidades marginalizadas ou subordinadas (aquelas masculinidades identificáveis entre negros, gays, pobres, não-brancos, transgêneros). Sendo assim, as masculinidades não são identidades fixas, mas configurações da prática de gênero que devem ser lidas como constructos políticos, complexos e localizados hierarquicamente em um regime de gênero (Ribeiro, 2013).

Em referência as masculinidades negras é possível afirmar que no decorrer do processo histórico e de ocidentalização esta tornou-se alvo de preocupações por parte da branquitude principalmente por parte de intelectuais das mais diversas áreas do pensamento social, posto que a masculinidade negra encontrava-se e ainda encontra-se associada ao perigo, ameaça, exótico, violência, estranho e dentre outros sinônimos, com isto passa ser necessário estudá-lo, dissecá-lo e consequentemente aprisioná-lo para melhor compreender e contê-lo.

De acordo com Friedman (2001) & Souza (2009) desde que os europeus fizeram os primeiros contatos com o continente africano o pênis negro tornou-se o ponto de referência das relações que seriam estabelecidas a partir daí entre homens negros e brancos. O pênis negro foi

medido, pesado e dissecado por diferentes cientistas, sendo guardado em recipientes com formol e exibido por toda Europa, causando ao mesmo tempo espanto e desejo<sup>1</sup>.

Se há séculos passados o homem negro era objeto de horror, mas por detrás deste horror haveria um desejo reprimido, pode-se afirmar que atualmente está ideia ainda encontra-se presente em nossas relações interpessoais. Quando a sociedade visualiza o homem negro apenas como um pênis ambulante, posto que nossa inteligência foi avaliada pela branquitude na proporção inversa do tamanho do nosso pênis, verifica-se, a objetificação e animalização, e assim nos retiram toda e qualquer possibilidade de humanidade, posto que seríamos apenas “um pênis”.

No entanto, bell hooks (1999) em “Pennis Passion” afirma como a visão do falo como sendo uma ferramenta de força é conservadora e falha, além de tudo corrobora para o aprisionamento de homens e mulheres. Sendo assim, segundo a autora esta concepção reflete inúmeras problemáticas, tais como as questões de poder e subordinação atreladas ao simbolismo do órgão masculino, e aqui cabe ressaltarmos que ao falarmos dos corpos negros a referência da hiperssexualização sempre se dará pelo enfoque no falo.

Sendo assim, como afirma Fanon (2008) o homem negro não é um homem, uma vez que, no imaginário ocidental, antes de ser homem ele é negro e como tal não tem sexualidade, este negro tem sexo. Portanto, a construção da masculinidade negra enquanto sinônimo de um animal é perceptível e representada nos mais diferentes contextos, tais como no saber científico, na literatura, telejornais, rede sociais, propagandas e etc. Além da animalização, do macro-falo o homem negro também é alvo do Estado e dos seus aparatos de controle e “bem-estar” tais como os dispositivos de segurança (Polícia) e os dispositivos da saúde (Medicina, Psicologia e Psiquiatria).

Nesta perspectiva é sabido que os homens negros (na maioria das vezes) são reduzidos ao seu corpo, à sua pele, músculos e conseqüentemente ao órgão genital, e, portanto, constroem-se

---

<sup>1</sup> Dentre vários exemplos temos o caso do “O Negro” no qual permaneceu por mais de 80 anos no Museu Darder em Griona, norte da Catalunha.

Sarah “Saartjie” Baartman (Vênus Negra) também passou quase um século sendo exibida em eventos na Europa e posteriormente sendo exposta nos museus pela Europa.

inúmeros mitos, estigmas e estereótipos referentes à virilidade, o apetite sexual exacerbado e consequentemente recaindo no que podemos chamar de uma hiperssexualização. Infelizmente isto é um fato, ou seja, é uma realidade que perpassa o imaginário social e, por conseguinte produz efeitos e implicações nas relações sociais, no modo como os homens negros vão construir sua identidade e assim por diante.

Sendo assim, me representar e me visualizar apenas como um objeto (sexual ou não) é corroborar para uma lógica violenta, em outras palavras, os significados da masculinidade racializada na modernidade são construídos em associação com a produção contestada da representação sobre o corpo negro e sobre este como fonte, matriz ou lócus da própria identidade do homem negro e dos fundamentos transcendentais de sua presumida subjetividade (Pinho, 2016). Neste sentido, tais representações acabam por naturalizar e fixar-se no imaginário social. Por exemplo, a representação pornográfica do corpo do homem negro onde revela e esconde a animalidade, repulsão, mórbida, selvageria e a fascinação. Como pode ser observado nas imagens 1 e 3.

Desta forma, corpos masculinos negros ganham uma série de estereótipos e um deles diz respeito a noção que intitulo por “**pênis ambulantes**”, no entanto, este processo também ocorre com os corpos de mulheres negras, no qual as mulheres brancas seriam para casar, mulatas para foder e negras para trabalhar<sup>2</sup>.

Assim animaliza o corpo do homem negro visto que por hora se refere a um objeto de prazer transgressivo (hooks, 2003 & Ribeiro, 2013), no entanto, este prazer é efêmero, posto que, se o pênis do homem negro é passível de prazer, valorização e anseio, este também é visualizado e concebido como perigo-selvagem-arma-e-ameaça. Sendo assim, a violência e “estigma de barbarismo e selvageria se ligam ao espaço simbólico da representação da identidade negra masculina” (Pinho, 2012, p. 2).

Este raciocínio que paira o imaginário social e a representação social dos corpos negros não só se caracteriza como sendo uma violência, mas também se caracteriza e corrobora para o processo de desumanização dos corpos negros, uma vez que, retira a possibilidade de qualquer humanidade desses corpos, haja vista que nós corpos negros exerceremos apenas a função

---

<sup>2</sup> Tese de doutorado: Ana Cláudia Lemos Pacheco: “Branca para casar, mulata para F.... Negra para trabalhar” Escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia.

sexual, braçal e de entretenimento. Sendo assim, passa-se a constituir subjetivamente e objetivamente corpos negros sob e pela violência.

Se realizarmos uma discussão atrelada a heteronormatividade, isto é, corpos masculinos negros que não apresentam a performance de uma masculinidade hegemônica heterossexual e normativa, este processo de violência será duplo, posto que homens negros gays, bissexuais, intersexuais e transexuais que não correspondem a estes estereótipos e não atendem ao padrão esperado de ser “homem” serão visualizados como “não homens” e, conseqüentemente o processo de violência se intensificará, o que pode resultar numa série de sentimentos tais como o de não pertencimento ocasionando numa série de problemas, adoecimentos e danos psicológicos.

Por este motivo é de suma importância entendermos e reconhecermos que embora haja uma norma dominante, as pessoas transitam por elas de formas distintas, sejam motivadas por outras contradições, raça, classe, região, geração e etc., seja pela própria trajetória e agencia individual. Assim como não há uma única masculinidade, não uma única masculinidade negra, por exemplo.

Ainda sobre a constituição dos corpos masculinos negros sob e pela violência, Conrado & Ribeiro (2017) afirmam que no Brasil Nina Rodrigues apoiado nas teorias da degenerescência das raças, bem como na inferioridade de tipos raciais teorizou sobre a mulher negra e sobre o homem negro, posto que segundo o autor “a sensualidade do negro pode atingir então às raízes quase das perversões sexuais mórbidas. A excitação genésica da clássica mulata brasileira não pode de ser considerada um tipo anormal” (Nina Rodrigues, 1933, p. 153) citado por (Conrado & Ribeiro, 2017, p. 89).

Infelizmente esta representação social ainda encontra-se presente e prevalece à visão dominante colonial como afirma Fanon (2008) onde o negro teria uma “potência sexual alucinante” (p. 131) e de que o negro é fixado no genital, ou de que fixaram-no neste local, pois, se não é o comprimento do pênis no caso do homem negro é a potência sexual que atinge o branco, e assim novamente verifica-se a biologização do homem negro.

Neste contexto, a hipermasculinidade frequentemente atribuída aos homens negros reflete crenças sobre o seu apetite sexual excessivo. Como pode-se observar na imagem onde a protagonista do filme “Ninfomaniaca de 2013” cansada de vivenciar e experiências relações



sexuais “comuns” passa a procurar algo mais intenso, excessivo e violento, logo procura-se pelo que? Corpos negros.



**NINFOMANÍACA: UMA BOA PEDIDA DO CINEMA NESSE FIM DE SEMANA**

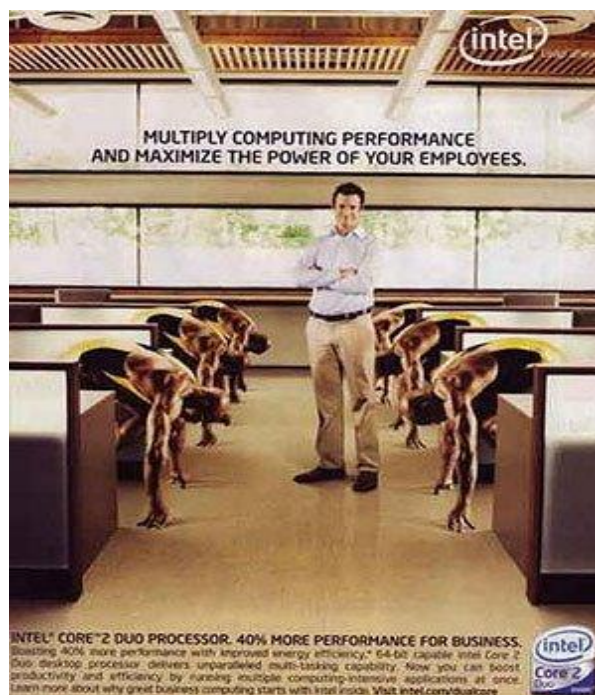
**Figura 01:** Ninfomaníaca o Filme  
**Fonte:** Figura 03: Hall Social, 2014.

E ironicamente, o apetite sexual excessivo da personagem pode ser transposto para a realidade construída sobre o desejo sexual de um homem negro. Com isto, em um contexto onde as mulheres femininas são aquelas que permanecem submissas, mesmo que apropriadamente em uma paquera com os homens, mulheres cuja agressão sexual se assemelha a dos homens se tornam estigmatizadas (Collins, 2009, p. 100) e para saciar esse desejo aciona corpos que representam e pulsa o sexo, o gozo, o suor, o odor e consequentemente o deleite excessivo (isto é a ejaculação).

Portanto, quando se aciona certas imagens de pessoas negras e no caso de homens negros acaba-se automaticamente ativando outras imagens e outras representações sociais e consequentemente estas imagens e representações encontram-se pautadas em relações assimétricas, de desigualdade social e repleta de preconceito e violências. Como, por exemplo, estas imagens selecionadas para tentar exemplificar a violência institucional dos corpos negros, posto que estes foram e são construídos sob um único viés – biologização, exotificação e erotismo.

Sobre a biologização dos corpos negros aciono uma imagem para representar de modo crucial a realidade no qual os corpos negros (aqui em específicos os homens negros) foram atribuídos. Em outras palavras, ser negro é ser o corpo negro e fundamentalmente é um corpo para o trabalho e um corpo sexuado, logo encontra-se decomposto ou fragmentado em partes: a

pele, as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores), os músculos ou força física, o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que ironicamente significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (Pinho, 2004).



**Figura 02:** Multiplique a performance dos computadores e maximize o poder de seus empregados  
**Fonte:** El mundo, 2007.

Em “Multiplique a performance dos computadores e maximize o poder de seus empregados” é evidente a existência de um corpo que dita a regra e possibilita que os demais corpos possam existir. Este corpo central identífico e entendo como sendo a masculinidade hegemônica, ou, pela branquitude no qual passa a assumir a categoria de chefe/dominador, assim como a lógica do colonialismo onde haveria um colonizador (superior) e o colonizado (inferior), e a partir da autorização do colonizador (masculinidade hegemônica) o colonizado poderia então passar a existir, no entanto, sob o viés do colonizador, isto é, a existência dos corpos negros basicamente apresentaria duas funções: servir a branquitude utilizando a sua mãe de obra e seu cunho sexual (enquanto um pênis negro ou uma “buceta” negra).

Além disto, nota-se que esta imagem implicitamente pode nos remeter a ideia de que o “empregador” dará a possibilidade de voz, ascensão e desenvolvimento para os seus empregados

no caso, para os homens negros, ou seja, a partir da branquitude poderemos então ascender e desenvolver socialmente.

Neste sentido, segundo Faustino Nkosi (2014) quando o negro não é invisibilizado, é representado como contraponto antiético do humano. A sua aparição, quando autorizada, é reduzida a uma dimensão corpórea, emotiva ou ameaçadora, tal como um King Kong descontrolado: “tão grande, tão bruto, tão negro, com mãos rústicas e exacerbados instintos libidinais em sua busca desenfreada pela mocinha (ultrafeminina) de tez claramente virginal e corpo frágil” (p. 83).

Nota-se que a masculinidade encontra-se num processo de ambivalência por hora é marginalizada outrora é exaltada, todavia, esta exaltação na maioria das vezes tem local, tempo e duração, de modo que discursivamente fomos construídos como ativos e potências sexuais, mas esta exaltação precisa ser num beco sem saída o mais escuro possível, ou seja, mais longe da civilização (sem olhares da branquitude) e automaticamente a exaltação leva o tempo apenas do gozo e de uma ejaculação qualquer.

Todo este processo é desumanizador, isto é inegável, entretanto, segundo Rosa (2006) “o conhecimento sobre o homem negro brasileiro ainda é incipiente e novas pesquisas se fazem necessárias para esclarecer o dilema” (p. 5), ou seja, mesmo que os estudos sobre as masculinidades negras no Brasil sejam categorias de análises recentes, porque os estudos sobre masculinidades e aqui em específico sobre as masculinidades negras resistem para se pensar em outras possibilidades de masculinidades? Por que os estudos sobre masculinidades se fixam unicamente e exclusivamente na ideia do “pênis-ambulantes?”.

Antes de tentar responder tais indagações, acredito ser importante frisar que: ser reduzido a categoria de objeto não só categoriza uma desumanização, como também se refere a um processo de extrema violência, no qual pode desencadear uma série de problemas sejam eles psicológicos ou não.

No entanto, se nos próprios estudos sobre masculinidades entendemos que existem diferentes formas de se construir uma masculinidade, e, portanto, esse termo deve aparecer sempre no plural, ou seja, as masculinidades seriam construídas e re-construídas, logo não podemos tomá-las como realidades imutáveis e objetivas, posto que estas masculinidades estão em consonância sempre de acordo com a cultura e sujeitas a relações de poder. Contudo, porque



não avançamos para outras possibilidades discursivas? E para construção de outros modos de se discutir a masculinidade negra que não fique sob e restrita ao poder do pênis viril?

Não seria o momento de repensarmos as diversas configurações de masculinidades? Em outras palavras, atentarmos de fato para a existência de diferentes configurações de masculinidades, para aquelas que não correspondem e não se percebem a partir da virilidade e da truculência? (NAVASCONI, 2017, p. 3).

Talvez um dos caminhos de construção desta ampliação na discussão sobre a diversas multiposicionalidades e configurações de masculinidades, seria nos atentarmos para os estudos feministas negros, no qual vem desafiando um silêncio que tem sido um gesto de cumplicidade, especialmente o silêncio sobre os homens negros (hooks, 1989).

Portanto, estudar masculinidades negras a partir da multiposicionalidade é perguntar como devemos discuti-la a partir de um olhar relacional, e não posicional e hierárquico fixo a virilidade por exemplo. E isso faz nos levar a fazer dois conjuntos de perguntas, bem como pontua (Conrado & Ribeiro, 2017):

1) Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios?

2) Dividendos patriarcais são recebidos do mesmo modo por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades?

Os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas. “Se este privilégio permanece intacto mesmo quando é recusado pelos homens (hooks, 2000, p. 67), resta saber se esta vantagem é recorrentemente presente ou contingencial, conforme o contexto relacional”. “O que o feminismo negro nos convida a entender é que essas indagações somente fazem sentido se as pensarmos em relações sociais concretas, bem como padrões culturais” (Conrado & Ribeiro, 2017, p. 82).

E por conseguinte, também nos convida a aceitarmos que mesmo sofrendo e mesmo sendo corpos-abjetos todo este contexto não nos exime da participação no patriarcado e automaticamente por estarmos neste contexto, usufruirmos quer queria ou não dos privilégios que este sistema/contexto nos possibilita. Portanto, como afirma Ikard, (2002) se há desafios reais para homens negros um deles é que se conscientizem sobre seus privilégios patriarcais.

Portanto, talvez devêssemos aprender mais e nos movimentarmos mais, no entanto, o que eu quero dizer com isto? É de que talvez seja a hora de começarmos a repensarmos nos sentidos que temos dado para as nossas masculinidades, para pensarmos e discutirmos os estereótipos visando à possibilidade de construir outras versões e sentidos de masculinidades. Para isto, novamente autoras feministas negras há décadas veem nos ensinando, contudo, parece que despercebemos o que essas autoras afirmam e produzem.

Por exemplo, novamente citando e trazendo este excerto de bell hooks em “Pennis Passion” no qual a autora afirma como a visão do falo como sendo uma ferramenta de força é conservadora e falha, além de tudo corrobora para o aprisionamento de homens e mulheres. Sendo assim, segundo esta concepção reflete inúmeras problemáticas, tais como as questões de poder e subordinação atreladas ao simbolismo do órgão masculino, e aqui cabe ressaltarmos que ao falarmos dos corpos negros a referência da hiperssexualização sempre se dará pelo enfoque no falo. No entanto, é necessário e fundamental que passemos por uma resignificação peniana como forma de libertação de homens e mulheres (hooks, 1999 & Gonçalves, 2013).

Mudar a forma como falamos sobre o pênis é uma poderosa intervenção que pode questionar o pensamento patriarcal. Muitos homens sexistas temem que seus corpos percam significado se nós avaliarmos o pênis mais pela sacralidade da sua existência do que pela sua capacidade performática (Gonçalves, 2013).

Portanto, porque é tão difícil avançarmos nessas discussões e consequentemente desfocarmos tais discussões para além do que denominamos por *falo*? Não estaríamos dispostos a abrir mão da dominação masculina? Por que não nos educamos para questionarmos nossa subjetividade, bem como as nossas construções identitárias?

Talvez, na tentativa de respondermos minimamente a essas questões podemos fazer uso do conceito de *Pacto Narcísico* conceito este trabalhado por Maria Aparecida Silva Bento (2002) no qual a autora afirma que tudo se passa como se houvesse um pacto entre brancos (pactos narcísico) que implica na negação e no evitamento do problema com vistas à manutenção de privilégios raciais. O medo da perda desses privilégios, e o da responsabilização pelas desigualdades raciais constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade.

---

Deste modo, será que não haveria simbolicamente, inconscientemente ou até mesmo conscientemente um pacto entre nós homens visando à manutenção de uma estrutura hegemônica no qual nos proporciona poder, legitimidade e privilégios?

Consequentemente esta realidade só tende a favorecer o silenciamento, bem como para a interdição de mudanças e transformações, e isto precisa mudar, visto que infelizmente se há este “Pacto” mais uma vez estamos sendo boçais por sustenta-lo, posto que, as produções de masculinidades hegemônicas e aquelas que visam enquadrar os homens negros a determinados estereótipos é produtora de adoecimento e, por conseguinte nos aprisionam, uma vez que, mesmo estando no poder este poder não nos isenta de sofrermos, adoecermos, ou seja, não estamos menos suscetível a nenhuma doença, não somos tão forte assim, não somos deuses. Se ainda acreditamos que somos é preciso rompermos com este mito, bem como com o mito de que ser homem ou ser masculino estaria totalmente atrelado a uma genitália.

E se mantemos este sistema é porque envolve poder, interesses, autoridade e dentre outros adjetivos que não são meros adjetivos. Logo se ainda persistimos complacentes a essa realidade compadeceremos para a manutenção de uma masculinidade tóxica, bem como para a perpetuação de sociedade estruturada pelo sexismo, machismo, patriarcalismo, misoginia, LGBTTFóbia, racismo, estupro e dentre outras desigualdades e consequências tais como o próprio adoecimento de nós homens negros, a manutenção das altas taxas de suicídio, bem como a continuidade da reprodução de estereótipos que constroem o que denominamos de masculinidade hegemônica.

Com isto, novamente os estudos feministas há décadas veem apontando a necessidade de nós homens discutirmos o que se denomina por masculinidades tóxicas, vagorosamente estamos discutindo aqui e ali, mas infelizmente precisamos de mais, precisamos nos movimentarmos e despertamos para estas realidades, para então agirmos e lembrarmos que a força não é tudo. Não tenho por intuito responder e dar conta de responder todas as indagações, até porque seria tamanha prepotência da minha parte, mas que então possamos minimamente discutir tais questões para avançarmos numa questão que é de máxima urgência e necessária.

Posto que é um mito acreditarmos que está objetificação, bem como esta desumanização pode nos tornar mais sociáveis, e consequentemente mais aceitos socialmente, como pode-se observar na imagem abaixo no qual nota-se que “o poder” do homem negro está no seu falo esta

representação pode ser transposta para a realidade, posto que muitos homens negros acabam comprando este ideal que foi construído socialmente por uma estrutura de poder que nos coloca e nos visualiza a todo o momento como sujeitos inferiores.



**Figura 03:** Dinei, O rei nu mostra todo seu poder [E que poder!]  
**Fonte:** Notícias no Minuto, 2017.

E neste sentido, para que os corpos negros possam existir, ser reconhecidos e consequentemente, sentirem-se pertencentes e quiçá valorizados e amados os corpos negros utilizam-se desta representação e deste “privilegio” de terem o poder (pênis grande) como se fosse a única possibilidade de existência, afinal é a partir desta arma que estes corpos conseguem adentrar espaços que socialmente foram renegados a eles.

Todavia, esse privilégio é falso, pois mesmo adentrando em alguns espaços estes corpos negros nunca serão concebidos como corpos totais, ou seja, como sinônimo ou protótipo de humanidade (a partir do viés da branquitude e da masculinidade hegemônica), logo qualquer oportunidade que a estrutura do poder tiver fará o massacre definitivo destes corpos abjetos.

Com isto, este poder é ilusório e violento, uma vez que, faz destes corpos prisioneiros de um ideal construído pela masculinidade hegemônica visando à manutenção do colonialismo.

Portanto, como dito anteriormente é de suma importância ressignificar este processo de desumanização, como também, repensarmos a construção do que passamos a entender por masculinidades negras.

E esta ressignificação não convém apenas aos corpos negros, mas sim a toda a estrutura social, isto é, perpassando o imaginário social, a construção dos saberes, como também as subjetividades. Neste sentido, deve-se romper com inúmeros estereótipos que o cenário científico, bem como midiático construiu ao longo do processo histórico, como também com a performances essencialistas que encontra-se pautada na construção social de uma masculinidade negra pautada no modelo falocêntrico, sobretudo pela valorização do homem negro viril que produz e encarcera estes homens no ideário do ‘macho’ agressivo, fodedor, violento, similar a um animal.

Sendo assim, é fundamental e urgente que homens negros que apresentam a performance masculina hegemônica passem a romper com esse ideário nocivo haja vista que apenas corrobora para o adoecimento desses corpos, como também para a manutenção e a produção de violências contra mulheres e outros corpos dissidentes.

### Referências

Bento, M. A. S. (2002). **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, São Paulo.

Collins, P. H. (2009). **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge.

Conrado, M., Ribeiro, A. A. M. (2017). Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Estudos Feministas, Florianópolis**, 25(1): 422, janeiro-abril.

Connell, R. **The Men and The Boys**. (2000). California: University of California Press.

Fanon, F. (2008). **Pele Negra, máscaras brancas**: Tradução Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA.

Friedman, D. M. (2001). **Uma Mente Própria**. A história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva.



Fautino (Nkosi), D. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo in: **Feminismo e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** (Org.). Blay, E. A., - 1. Ed. São Paulo: Cultura Academica, 2014.

Gonçalves, J. (2013). **Corporeidade negra masculina e a crise do afeto**. CEERT. Rio de Janeiro.

Hooks, B. (1999). **Penis Passion**. Lion's Roar, July.

HookS, B. (2000). **Where we stand: class matters**. New York: Routledge

HookS, B. (2003). **We real cool**: Black men and masculinity. Nova Iorque: Routledge.

Navasconi, P. V. P. (2017). **Breve reflexões sobre as masculinidades negras**. Agosto, Medium.

Osmundo, P. A. (2015). **"Putaria"**: Masculinidade, Negritude e Desejo no Pagode Baiano. vol. 29, n.º 2 (jul-dic), pp. 209-238.

Osmundo, P. A. (2004). Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, Jun/Jul.

Ratts, A. (2011). Corpos negros educados: notas acerca do Movimento Negro de base acadêmica. **Nguzu, Londrina** – PR, Ano 1, n. 1, março/julho.

Ribeiro, A. A. M. (2013). Blackness: identidades, racismo e masculinidades em Bell Hooks. **Anais: 10º Fazendo Gênero**: Desafios Atuais dos Feminismos.

Rosa, W. (2006). Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma democracia racial. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero VII - Gênero e Preconceitos, 2006, Florianópolis. **Anais Fazendo Gênero VII. Florianópolis**: Editora Mulheres, v. 1. p. 1-7.

Silva, J. R. T. (2014). **Masculinidade e violência**: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE.

Souza, R. R. (2009). As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, Ano 3, Volume 6, jul-dez.